

MEMÓRIAS DO *BULLYING* ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES IDOSAS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Data de submissão: 10/02/2025

Data de aceite: 01/04/2025

Greice Nunes Benedito

Formanda do curso de Pedagogia pela
UNESPAR campus de Campo Mourão –
Pr

Wanessa Gorri de Oliveira

Professora e orientadora do curso de
Pedagogia pela UNESPAR campus de
Campo Mourão – Pr

RESUMO: Este estudo propõe reflexões acerca das memórias de mulheres idosas sobre o *bullying* escolar, analisando suas experiências no processo de escolarização e refletindo sobre as mudanças e permanências desse fenômeno ao longo do tempo. A pesquisa foi realizada com idosas participantes do projeto de extensão “Centro de Apoio ao Desenvolvimento do Idoso” (CADI), vinculado ao Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão. Como metodologia, realizou-se pesquisa bibliográfica, planejamento e desenvolvimento da sessão “Memórias do *bullying* escolar: experiências de mulheres idosas no processo de escolarização”, do projeto de extensão “Cine Educação: olhares para formação docente, com

a intenção de problematizar o *bullying* escolar com as idosas do CADI, incentivar a reflexão, o debate e levantar narrativas capazes de demonstrar as memórias das idosas sobre o *bullying* escolar, e análise de algumas memórias das idosas do CADI. Os resultados indicam que o *bullying* escolar, embora não nomeado dessa forma na época de escolarização das participantes, era uma realidade presente nas escolas. As narrativas revelaram que ofensas relacionadas as características físicas e de gênero eram reais e, muitas vezes, negligenciadas pelos(as) educadores(as). Além disso, algumas idosas relataram carregar marcas emocionais duradouras, evidenciando que essa forma de violência pode ter repercussões ao longo da vida. O estudo reforça a necessidade de práticas educativas que valorizem a memória e o diálogo intergeracional, permitindo compreender o *bullying* escolar e promover ações preventivas no ambiente escolar na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying* escolar; CADI; Idosas; Memórias.

INTRODUÇÃO

A violência está presente em todos os contextos sociais e culturais, se manifestando de diversas maneiras. No ambiente escolar, um tipo de violência específica, denominada *bullying*, afeta gerações de estudantes, deixando marcas profundas em seus processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) do ano de 2019, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou um panorama preocupante sobre a prevalência do *bullying* nas escolas brasileiras. Com uma amostra representativa de mais de 11 milhões de estudantes¹, a pesquisa constatou que 12% dos jovens entre 13 e 17 anos admitiram praticar algum tipo de *bullying*, enquanto 23% relataram ter sido vítimas de ofensas ou humilhações por parte de seus colegas.

Esse contexto de violência escolar é corroborado por dados mais recentes que evidenciam a gravidade do problema. Segundo a pesquisa realizada por Sergio Senna (2023) “somente entre 2022 e 2023, 49 pessoas morreram em ataques em instituições estudantis.” Além disso, o Anuário Estatístico do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Lima; Martins, 2023, p. 356) aponta que, “na média nacional, 37,6% dos diretores relataram na Prova Brasil a ocorrência de situações que podem ser caracterizadas como *bullying*”. Da mesma forma, o Instituto de Pesquisa DataSenado (2023, p. 2) revela que “22% dos entrevistados sofreram violência no ambiente escolar.” Esses dados evidenciam que a violência escolar se configura como um desafio significativo enfrentado pela comunidade escolar na atualidade, e que casos de *bullying* não são meros conflitos entre indivíduos, eles refletem relações sociais complexas e desiguais que exigem uma abordagem crítica e coletiva para sua superação.

Embora essas pesquisas tenham fornecido dados valiosos sobre a realidade do *bullying* entre estudantes em idade escolar, é importante ressaltar que a população idosa não foi incluída em sua amostragem. Essa lacuna pode ser explicada pelo fato de que o *bullying* é relativamente novo como tema de estudo e debate e/ou porque está associado ao ambiente escolar, do qual a maioria dos(as) idosos(as) já não fazem mais parte. No entanto, é fundamental reconhecer que as vivências de *bullying* na infância e adolescência podem ter consequências duradouras para a saúde mental e o bem-estar e que a experiência de idosos(as) com esse fenômeno pode trazer novas perspectivas para a compreensão e a prevenção ao *bullying* nas escolas.

1. Segundo o Censo Escolar de 2024, dos 189.857 alunos matriculados, 183.264 eram frequentes, com 159.245 questionários considerados válidos. A maioria dos alunos, 10.136.751 (85,5%), estava matriculada em escolas públicas, enquanto 1.715.190 (14,5%) frequentava instituições privadas (INEP, 2025).

Considerando a proposta de pesquisa intitulada “Memórias do *bullying* escolar: experiências de mulheres idosas no processo de escolarização”², fez-se necessário a reflexão sobre a seguinte problemática: Como as memórias das idosas do Centro de Acolhimento e Desenvolvimento dos Idosos (CADI), que vivenciaram o *bullying* durante a escolarização, podem contribuir para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno ao longo do tempo, revelando as diferentes formas e significados do *bullying* escolar?

Diante da problemática levantada, o objetivo geral desse estudo é apresentar experiências vivenciadas pelas idosas atendidas pelo CADI quanto ao *bullying* escolar. Como objetivos específicos sistematizou-se: I) Estudar as características centrais do *bullying* escolar; II) Propor uma sessão do projeto de extensão “Cine Educação: olhares para formação docente” para problematizar o *bullying* escolar e identificar idosas que já vivenciaram esse tipo de violência; e III) Levantar memórias das idosas do CADI, que demonstrem suas percepções e vivências acerca do *bullying* escolar, identificando continuidades e mudanças na interpretação dessa forma de violência.

O percurso metodológico desta pesquisa envolveu três etapas, a saber: a) pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo que é fundamental para a construção de uma base teórica sólida, permitindo a análise e compreensão aprofundada de um fenômeno (Gil, 2008). Neste estudo, ela foi utilizada para explorar o conceito de *bullying* escolar, situando-o historicamente e destacando suas características centrais; b) Planejamento e desenvolvimento de uma sessão do projeto de extensão Cine Educação: “olhares para formação docente”, com o intuito de problematizar o *bullying* escolar com as idosas do CADI, incentivar a reflexão, o debate e levantar narrativas capazes de demonstrar as memórias das idosas sobre o *bullying* escolar; e c) Análise das memórias das idosas do CADI.

O presente estudo apresenta as características centrais do *bullying* escolar, o planejamento e a execução de uma sessão do projeto de extensão “Cine Educação: olhares para formação docente” com as idosas participantes do CADI, bem como os resultados, reflexões e análises embasados nas narrativas das memórias das idosas sobre o *bullying* escolar. Para finalizar, as considerações finais apontam para algumas continuidades e mudanças do *bullying* escolar ao longo do tempo.

Por meio desse percurso, esperamos contribuir para uma compreensão mais ampla das experiências relacionadas ao *bullying* escolar ao longo do tempo e promover reflexões que possam contribuir para práticas educativas contemporâneas.

2. O presente estudo desdobra-se do projeto de pesquisa intitulado “Educação, cinema e conscientização sobre o *bullying* escolar: possibilidades de trabalho na educação básica e na universidade”, coordenado pela professora Dra. Wanessa Gorri de Oliveira, do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão.

BULLYING ESCOLAR: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Caracterizado como um fenômeno que ocorre principalmente entre crianças e adolescentes, de forma intencional, repetitiva e sem motivação aparente, demarcado pelo desequilíbrio de poder e ausência de reciprocidade (Fante; Pedra, 2008), o *bullying* é o responsável pelos altos índices de violência escolar e tem se tornado uma preocupação crescente, manifestando-se por meio de agressões físicas, verbais e psicológicas. O termo “*bullying*” é de origem inglesa e é utilizado em diversos países para descrever a ação consciente de um indivíduo em infringir maus-tratos a outro, colocando-o em situações de tensão (Fante; Pedra, 2008).

No Brasil, o termo foi adotado por não haver uma palavra em português que capturasse completamente o sentido e a complexidade desse fenômeno. Embora existam palavras em português que descrevam aspectos relacionados ao *bullying*, como “intimidação”, “humilhação” e “assédio”, nenhuma dessas palavras abrange de forma completa a ideia de agressões repetidas, direcionadas e intencionais de um indivíduo ou grupo contra outra pessoa, com o objetivo de causar sofrimento. Por essa razão, o termo “*bullying*” foi mantido, pois agrega a dimensão específica de uma violência sistemática e persistente no contexto escolar, algo que não era bem caracterizado por palavras já existentes no vocabulário brasileiro (Fante; Pedra, 2008). Assim, o termo passou a ser amplamente utilizado na língua portuguesa para descrever um conjunto de comportamentos e dinâmicas sociais que antes não possuíam uma definição precisa.

A Lei 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional, traz a definição de intimidação sistemática como:

Art. 1º [...] § 1º todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015).

Esse tipo de violência tem como objetivo intimidar ou agredir a vítima, causando dor e angústia, e se caracteriza por uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Ainda segundo Fante e Pedra (2008), as ações são consideradas repetitivas quando os ataques ocorrem contra a mesma vítima em um determinado período, podendo ocorrer apenas três vezes durante o ano letivo para ser caracterizado como *bullying* escolar. Devido a experiência emocional desagradável vivenciada pela vítima que é intensificada pelo medo constante de novos ataques, mobiliza sentimentos como ansiedade, insegurança e angústia. Além disso, mesmo fora do ambiente escolar, a vítima pode continuar a lembrar dos episódios de violência, o que pode resultar em sérios prejuízos emocionais e psicológicos ao longo do tempo.

A par dessas informações, é possível observar que os casos de *bullying* escolar se assemelham a atos antigos de violência, muitas vezes fisicamente prejudiciais, mas que não eram punidos por serem encarados como “brincadeiras inocentes”. Esses atos de violência têm sido comuns nas escolas ao redor do mundo, mas o interesse por seu estudo começou de forma mais sistemática apenas por volta de 1970. Os primeiros estudos sobre *bullying* foram realizados por Dan Olweus (1931–2020), pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, que é amplamente reconhecido como o pioneiro nessa área. Ele desenvolveu um questionário com 24 questões para estudar a violência escolar e identificar casos de *bullying* (Silva, 2016).

É importante destacar que pesquisas atuais, como a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019, indicam uma maior incidência de *bullying* entre meninas, tanto no ambiente escolar quanto no virtual. A pesquisa revela que “as meninas apresentaram taxas de 26,5% no *bullying* presencial e 16,2% no *cyberbullying*, números superiores aos dos meninos, que apresentaram 19,5% e 10,2%, respectivamente” (IBGE, 2019, p. 3).

Apesar de, na maioria das vezes, o *bullying* ocorrer diante dos espectadores, ele é considerado uma forma de violência velada, pois muitas vezes vem disfarçado como uma “brincadeira” ou um “apelido”, sendo que muitos professores/profissionais da educação ainda interpretam o *bullying* escolar como uma “brincadeira de criança”. Essa visão equivocada pode levá-los a agir de forma inadequada ou até mesmo a minimizar a situação, deixando as vítimas sem o apoio necessário por desconhecerem a seriedade do problema. Outro fator preocupante é a ideia errônea de que o *bullying* faz parte de um processo natural e necessário para o amadurecimento dos alunos. Esse ponto de vista distorcido impede que os(as) educadores(as) reconheçam o sofrimento das vítimas e tomem as medidas necessárias para protegê-las (Fante; Pedra, 2008).

A presença do *bullying* escolar desestabiliza profundamente o ambiente que deveria ser seguro e acolhedor para todos(as), comprometendo a formação de um espaço de aprendizado saudável e harmonioso (Rosário et al., 2017). Em vez de promover o desenvolvimento pessoal e acadêmico, a escola se transforma em um local opressor, onde a violência e o medo podem prevalecer. Essa situação não apenas afeta o bem-estar emocional dos(as) estudantes, mas também prejudica a capacidade de aprender e de se relacionar de maneira construtiva com os(as) outros(as) alunos(as).

Segundo Paulo Freire (2015, p. 53), “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”, ou seja, quando a educação não visa à liberdade, a vítima da violência pode, eventualmente, se tornar um agressor. Essa reflexão destaca a importância de os(as) educadores assumirem um papel crucial na construção de um ambiente escolar seguro, acolhedor e livre de agressões, promovendo valores como respeito, solidariedade e empatia, prevenindo, assim, a perpetuação da violência. Como responsáveis pela formação de novos cidadãos, os(as) educadores(as) devem priorizar, em seus planos pedagógicos, o combate à violência e a promoção da conscientização sobre a importância do respeito às diferenças.

Uma das estratégias para enfrentar o problema é conhecer os atores envolvidos nesse tipo de violência, a saber: o agressor, a vítima, a vítima agressora, a vítima provocadora e os espectadores (Fante; Pedra, 2008).

Os agressores do *bullying* escolar, também denominados de *bullies*³ são aqueles que se valem da força para aterrorizar os outros. Eles utilizam suas habilidades e a postura arrogante e de liderança para manter os outros em seu domínio (Fante; Pedra, 2008). Diferentemente das vítimas, comumente não sofrem com insegurança ou baixa autoestima, mas exibem características agressivas, condutas positivas frente à violência e limitam seus problemas a impulsos agressivos. Fante e Pedra (2008, p.47) citam que 80% das vítimas tendem a reproduzir os maus tratos, o que infere que um agressor em algum momento de sua vida pode também ter sido uma vítima.

O agressor de *bullying* pode praticar esse tipo de violência tanto de forma individual quanto em grupo, ou seja, sozinho ou com a ajuda de outros. Ele se posiciona como alguém que tem poder, seja por sua força física ou psicológica, e tende a direcionar suas agressões para as vítimas mais vulneráveis, como aquelas que são fisicamente mais fracas ou que apresentam características que as tornam alvos fáceis. Fante e Pedra (2008) destacam que as causas desse comportamento agressivo podem ser muito complexas e multifacetadas.

Em relação às vítimas, a literatura sobre *bullying* escolar demonstra que elas não têm condições psicológicas de tomar atitudes que poderiam fazer parar as ações de violência. Elas são pouco sociáveis, inseguras e têm problemas para se adequar à convivência e participação em grupos. Apresentam aspecto físico diferenciado dos padrões impostos por seus colegas, e a baixa autoestima é piorada por interferências depreciativas ou pela insensibilidade dos adultos sobre sua aflição. Possuem poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Essas vítimas podem se dividir em vítima típica, vítima provocadora e a vítima agressora (Fante; Pedra, 2008).

A vítima típica é aquela que, ao sofrer as agressões, não reage ou revida. Conforme Fante e Pedra (2008), essas vítimas tendem a ser indivíduos com poucas habilidades sociais, frequentemente retraídos ou tímidos, e que não possuem os recursos ou o *status* necessário para cessar as ações agressivas direcionadas a elas. Geralmente, essas vítimas apresentam características que se desviam dos padrões aceitos por determinado grupo, tornando-se alvos de ataques. Além disso, os episódios de *bullying* não se originam de um conflito prévio; os agressores escolhem aleatoriamente um colega, atribuindo-lhe o papel de “bode expiatório” com base em traços físicos ou psicológicos que percebem como vulnerabilidades. Segundo os autores, essas vítimas demonstram, por meio de seu comportamento, que não irão retaliar, denunciar ou buscar apoio, o que as torna ainda mais suscetíveis à perpetuação das agressões (Fante; Pedra, 2008).

3. O termo “*bully*” pode ser traduzido como valentão, tirano ou brigão. Como verbo, “to *bully*” significa tyrannizar, amedrontar, brutalizar ou oprimir. O substantivo “*bullying*” descreve um conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender (Fante; Pedra, 2008).

Segundo Fante e Pedra (2008), as vítimas provocadoras são aquelas que, de maneira impulsiva, provocam os colegas, gerando reações agressivas as quais não conseguem responder de forma eficiente. Essas vítimas, embora muitas vezes tentem brigar quando atacadas, não têm as habilidades necessárias para lidar com as consequências de suas provocações, o que resulta na continuidade da violência.

A vítima agressora começa a ser agressiva com outras pessoas mais vulneráveis que não estão envolvidas com a situação e agem deste modo segundo Fante e Pedra (2008, p. 60) porque “são aqueles alunos que são ou foram vitimizados e que acabam reproduzindo os maus-tratos sofridos”. Isto quer dizer, a vítima adota comportamentos agressivos em resposta à intimidação que sofrem, partindo de um desejo de se defender, de buscar aceitação social ou mesmo como uma forma de liberar frustrações acumuladas. Isso é corroborado por Fante (2012) que evidencia que as consequências podem atingir as vítimas do fenômeno não somente na época escolar, mas posteriormente no trabalho, na formação da família, na criação dos filhos e inclusive na saúde física e mental.

Fante e Pedra (2008) definem os espectadores do *bullying* escolar como a maioria dos alunos de uma escola que, embora não sofram ou pratiquem essa violência, são afetados pelas suas consequências. Esses alunos, que frequentemente permanecem neutros e não intervêm nas situações de agressão por medo de se tornarem vítimas, seguem o que é chamado de “lei do silêncio”. Além disso, há aqueles que, mesmo não participando diretamente dos ataques, demonstram apoio ao agressor.

As lembranças dos estudantes sobre suas experiências escolares podem deixar marcas profundas, refletindo nas relações sociais e pessoais. Todos os envolvidos de algum modo sofrem os impactos do *bullying* e é por isso que se faz necessário proporcionar uma reflexão por meio das memórias do passado que se tem desses eventos para que se possa tentar compreender a dinâmica desse problema.

A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA DAS IDOSAS DO CADI PARA COMPREENDER O BULLYING ESCOLAR

Essa dinâmica de observação e, em alguns casos, de convivência com o *bullying* escolar reflete a influência social e cultural na construção das memórias individuais. Segundo Bosi (1994), as experiências escolares, impregnadas de emoções e valores, são revisitadas ao longo da vida e podem resgatar tanto vivências positivas quanto traumas decorrentes de situações de exclusão e fracasso. Nesse contexto, a escola transcende seu papel de instituição acadêmica, tornando-se um espaço fundamental para a formação de identidades, relações sociais e trajetórias de vida.

Além disso, a memória desempenha um papel essencial na maneira como aprendemos sobre o passado e o transmitimos para as próximas gerações. Conforme destaca Bosi (2023), os(as) idosos(as) atuam como uma ponte entre o que já aconteceu e o presente, pois carregam lembranças que não estão necessariamente registradas em livros

ou ensinadas em escolas. Diferentemente das instituições formais, como igrejas, partidos políticos e sistemas educacionais, que sistematizam a transmissão de cultura, os mais velhos compartilham suas vivências de maneira pessoal e subjetiva. Ao contarem suas histórias, não apenas preservam suas trajetórias individuais, mas também contribuem para a manutenção de tradições, valores e conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento da sociedade.

Diante dessa relevância, torna-se essencial registrar e refletir algumas memórias do *bullying* escolar pela perspectiva das idosas do CADI para compreender como esse problema atravessa gerações e deixa marcas que podem se desdobrar em toda a trajetória de vida de uma pessoa. Muitas das experiências vividas na infância ainda refletem na forma como as idosas se relacionam e enxergam a sociedade, demonstrando que as agressões sofridas na escola não são apenas episódicas e passageiras.

Ao compartilharem suas histórias, os(as) idosos(as) não apenas resgatam um passado muitas vezes silenciado, mas também oferecem uma oportunidade valiosa de aprendizado para as novas gerações, permitindo que reflitam sobre suas próprias atitudes e contribuam para a construção de um ambiente mais empático e acolhedor no futuro.

Levando isso em consideração, optou-se por registrar as memórias de algumas idosas que participam do Centro de Apoio e Desenvolvimento do Idoso (CADI), um projeto de extensão da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *Campus* de Campo Mourão com o intuito de se estabelecer essa ponte entre gerações, tendo o objetivo de obter um experiências que possam iluminar o presente e inspirar a construção de um futuro mais compassivo e acolhedor em relação ao *bullying*.

O Centro de Apoio ao Desenvolvimento do Idoso – CADI

O CADI é um projeto de extensão da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *Campus* de Campo Mourão, que visa promover o bem-estar e a inclusão social de pessoas com mais de 60 anos. Fundado em 2015 pela professora Dra. Yeda Maria Pavão, do Colegiado de Administração, em parceria com a então aluna de Iniciação Científica Jéssica Rodrigues, o CADI surgiu a partir de estudos sobre o atendimento a idosos na região da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão, (Kalinowski, 2024).

Atualmente, as atividades do CADI são realizadas todas as terças-feiras e quintas-feiras, das 14h às 16h30, no Laboratório de Pedagogia⁴. As ações incluem produção de artesanatos, palestras, cursos, oficinas, sessões de filmes, rodas de conversa, círculos de cultura, visitas e contação de histórias. Essas atividades são conduzidas por voluntários, docentes, estudantes, bolsistas e estagiários da Universidade (Kalinowski, 2024).

4. O CADI desde 2022 integra o Programa UNESPAR 60+, iniciativa que congrega projetos voltados à terceira idade nos diversos *campi* da Unespar. Esse programa tem como premissa a valorização do idoso como sujeito ativo e participativo na sociedade, promovendo ações que estimulem sua inclusão digital, social e educacional (SETI, 2024).

Em 2024 o CADI atendeu 39 mulheres idosas, com idades entre 60 e 93 anos. As participantes produzem diversos itens artesanais, como crochê, pintura e tricô, que são frequentemente doados para instituições locais (Kalinowski, 2024).

Atualmente, o CADI está sob a coordenação da professora Dra. Divania Luiza Rodrigues, do Colegiado de Pedagogia, contando ainda com a participação da professora Yeda Maria Pavão, que, mesmo após sua aposentadoria, segue atuando como voluntária e colaboradora nas atividades do projeto (Kalinowski, 2024). O projeto possui duas bolsistas com subsídio da Fundação Araucária que auxiliam na condução das ações direcionadas às idosas do CADI.

Relações entre o CADI e o Projeto Cine Educação: olhares para formação docente

Para mobilizar reflexões acerca do *bullying* escolar com as idosas participantes do CADI, foi utilizada a metodologia interativa do projeto de extensão Cine Educação: olhares para a formação docente, que auxiliou na organização do planejamento, exibição, debate, indicação de leitura complementar e registro de memórias das mulheres idosas.

O Cine Educação: olhares para a formação docente é um projeto de extensão do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *Campus* de Campo Mourão, que busca integrar o cinema ao processo de formação de professores, utilizando-o como ferramenta pedagógica para estimular reflexões críticas e promover aprendizagens significativas (Rodrigues; Oliveira, 2022).

Em vigência desde 2015, o projeto Cine Educação da UNESPAR atualmente é coordenado pela professora Dra. Divania Luiza Rodrigues. Fundamentado na ideia de que o cinema não deve ser apenas um recurso ilustrativo, mas um instrumento ativo na construção do conhecimento, o projeto possibilita a articulação entre teoria e prática, permitindo que futuros docentes compreendam a importância do audiovisual na educação (Rodrigues; Oliveira, 2022).

Além das exibições e debates sobre filmes, o Cine Educação também incentiva a produção de documentários pelos estudantes de Pedagogia, ampliando seu repertório pedagógico e proporcionando uma vivência concreta na criação de materiais audiovisuais com finalidades educativas. Dessa forma, o projeto se torna um espaço de experimentação e inovação, promovendo a valorização da linguagem cinematográfica como elemento central na prática docente (Unespar, 2024).

No contexto do CADI, o Cine Educação se destacou como uma iniciativa capaz de auxiliar o debate, as trocas, o diálogo e a coleta de memórias sobre o *bullying* escolar por meio de uma sessão intitulada “Memórias do *bullying* escolar: experiências de mulheres idosas no processo de escolarização” que ocorreu nos dias 10 e 12 de setembro de 2024.

Durante a sessão, foram exibidos recortes do documentário *Últimas Conversas* (Brasil, 2015), de Eduardo Coutinho (1933-2014), e o curta-metragem *Lou* (Estados Unidos, 2017), da Pixar, selecionados por sua capacidade de gerar identificação e reflexão. Além da análise dos filmes, as idosas participantes foram convidadas a relatar suas experiências escolares, criando um ambiente de escuta ativa e valorização de suas vivências. A partir dessa interação, o projeto possibilitou não apenas a ressignificação dessas memórias, mas também a compreensão de algumas mudanças e permanências do *bullying* escolar ao longo do tempo.

Fresquet (2013) destaca que o uso do cinema na educação deve ir além do entretenimento, sendo planejado estrategicamente para potencializar a aprendizagem e o pensamento crítico. Segundo a autora, a experiência cinematográfica permite o desenvolvimento de uma percepção ampliada do mundo a partir da interpretação e questionando das narrativas audiovisuais de maneira crítica e reflexiva.

Dessa forma, a sessão do Cine Educação no CADI, foi escolhida por sua capacidade de integrar o audiovisual ao processo educativo, reconhecendo o potencial do cinema para abordar realidades complexas e fomentar uma educação mais crítica e consciente. Isso é fundamentado pelos ensinamentos de Fresquet (2013), a qual defende que o cinema favorece o letramento audiovisual, uma competência essencial na sociedade contemporânea, preparando os estudantes para compreenderem e analisarem as mensagens veiculadas pela mídia de forma consciente.

Conforme mencionado anteriormente, a sessão intitulada “Memórias do *bullying* escolar: experiências de mulheres idosas no processo de escolarização”, ocorreu no Laboratório de Pedagogia da UNESPAR, *Campus* de Campo Mourão, espaço utilizado pelas idosas do CADI, em dois encontros, nos dias 10 e 12 de setembro de 2024, mediada pela estudante Greice Nunes Benedito e professora Dra. Wanessa Gorri de Oliveira, docente do Colegiado de Pedagogia da Unespar, *Campus* de Campo Mourão.

A sessão do dia 10 de setembro de 2024 teve início com a preparação das 25 idosas acerca da temática. Inicialmente, foram apresentadas com auxílio de recursos audiovisuais, como *slides*, os conceitos de *bullying* escolar, destacando suas particularidades em relação a outros tipos de violência e as consequências que podem afetar agressores, espectadores e vítimas, com base nos ensinamentos de Fante e Pedra (2008). Esse momento propiciou um rico diálogo, que gerou diversas reflexões, pois, ao serem questionadas sobre o que compreendiam por *bullying* escolar, a maioria das idosas demonstrou desconhecimento do termo. Após a explicação, começaram a relatar suas próprias experiências, o que indicou que, embora a nomenclatura e os comportamentos possam ter mudado com o tempo (como no caso do surgimento do *bullying* virtual), a raiz do problema – a exclusão, a humilhação, o abuso de poder – permanece essencialmente a mesma, variando conforme o contexto social, cultural e tecnológico de cada época.

Em seguida ocorreu a exibição de recortes do documentário “Últimas Conversas” (Brasil, 2015), drama dirigido por Eduardo Coutinho, lançado no ano de 2015, com duração de aproximadamente 01h27min, que se conecta diretamente às questões sociais e educacionais contemporâneas, abordando a vivência de jovens no ambiente escolar. O documentário aborda entrevistas com adolescentes brasileiros, que compartilham suas percepções sobre a vida, a escola e os desafios enfrentados no dia a dia. Optou-se por selecionar trechos específicos em que dois adolescentes, Tayna e Breno, narram suas experiências com o *bullying* que sofreram, permitindo uma discussão mais focada e significativa sobre o tema. A abordagem sensível e humanizada do diretor oferece uma visão aprofundada sobre o impacto de diversas formas de violência e exclusão presentes frequentemente no cotidiano escolar, incluindo o *bullying*.

Os recortes do documentário “Últimas Conversas” abordam essas questões ao revelar as experiências de jovens que enfrentam insegurança, rejeição e solidão, temas frequentemente associados ao *bullying* escolar. Embora não trate principalmente do *bullying*, o documentário ilustra como a busca por pertencimento e validação, aliada à exclusão social, pode criar um ambiente propício à discriminação e ao sofrimento emocional, mostrando como os aspectos socioeconômicos e as pressões sociais contribuem para a vulnerabilidade desses jovens no contexto escolar.

Para complementar as reflexões, foi exibido o curta-metragem Lou, dirigido por Dave Mullins e produzido pela Pixar Animation Studios em 2017. Com aproximadamente 7 minutos de duração, a animação norte-americana aborda, de forma visualmente cativante, temas relevantes ao contexto escolar, como o *bullying* e a empatia. O curta-metragem conta a história de um garoto, J.J., que pratica *bullying* contra seus colegas, pegando objetos pessoais deles e guardando-os em sua mochila. No entanto, uma criatura formada por itens perdidos na caixa de achados e perdidos da escola, chamada Lou, intervém, confrontando o garoto e ensinando-lhe uma lição sobre compaixão e o valor de relações positivas.

O curta-metragem “Lou” da Pixar utiliza metáforas que se conectam profundamente com o tema das memórias, refletindo sobre como experiências passadas moldam comportamentos presentes. De acordo com Ecléa Bosi (2008), a memória é um processo dinâmico que não apenas armazena eventos, mas também os reinterpreta ao longo do tempo, influenciando a identidade e as relações sociais. No contexto de “Lou”, a caixa de achados e perdidos simboliza as memórias esquecidas ou negligenciadas das crianças, que, assim como os objetos, podem ser deixadas de lado em momentos de dor ou confusão. Lou, como uma personificação dessas memórias, busca reconectar as crianças com seus sentimentos e experiências, mostrando que cada objeto perdido carrega uma história e um sentimento que merece ser retomado. Através da interação com Lou e os objetos da caixa, J.J. é levado a confrontar suas memórias e emoções reprimidas. Assim, o curta-metragem não apenas aborda o *bullying* como um fenômeno social, mas também como uma manifestação de dores não resolvidas que podem ser tratadas por meio da empatia e do entendimento mútuo.

Após cada exibição, foi realizado um debate, mediado pela professora Dra. Wanessa Gorri de Oliveira, orientadora do TCC, e por Greice Nunes Benedito, orientanda e aluna do 8º período do Curso de Pedagogia da UNESPAR, Campus de Campo Mourão. O objetivo do debate foi estimular a discussão sobre o tema, suscitando reflexões acerca das consequências prejudiciais do *bullying* para os envolvidos, como a evasão escolar, a ansiedade, a depressão e a perpetuação de ciclos de violência.

Durante todo o processo das exposições e das intervenções das mediadoras, as idosas participaram ativamente, compartilhando suas experiências escolares relacionadas ao *bullying* e como essas memórias as acompanharam ao longo da vida.

A seção a seguir trará como que algumas delas relatam que ainda carregam, até os dias de hoje, as marcas dolorosas deixadas por essas vivências, especialmente pelo *bullying* que sofreram. Em razão desses acontecimentos, o sentimento de tristeza, rejeição e preconceito, em momentos pontuais, ainda se faz presente em suas lembranças, acompanhando-as.

CINE EDUCAÇÃO: A PERSPECTIVA DAS IDOSAS SOBRE O *BULLYING* ESCOLAR COMO UM CONVITE À REFLEXÃO

As discussões sobre *bullying* e suas manifestações ao longo do tempo revelaram a importância de ressignificar experiências passadas, especialmente em um contexto escolar. As idosas que participaram da atividade destacaram que, em sua época, os atos de *bullying* eram referidos por termos como “zuar”, “apelidar” e “tirar sarro”. Essa mudança na terminologia reflete uma evolução na percepção social sobre o fenômeno do *bullying*.

Dona Clarice⁵, uma das participantes afirmou: “eu defendia minha irmã, porque ela sofria *bullying* por usar óculos e trança”. Esse relato traz que mesmo não tendo uma definição de que aquilo que estava acontecendo se tratava de um ato de *bullying* a idosa demonstra em sua narrativa que ela percebeu naquele momento que todos merecem ser tratados com respeito, independentemente de sua aparência. Ao acrescentar a frase: “Ninguém deve passar por isso” demonstrou seu apoio e reforçou a importância de combater o *bullying*.

Outra participante, Dona Rute, narrou que, por ser forte, quieta e não gostar muito de socializar, os alunos geralmente não mexiam com ela. No entanto, o mesmo não acontecia com sua irmã, que era tímida, muito magra e usava óculos, o que a tornava alvo de diversos apelidos relacionados à sua aparência. O que mais a incomodava era ser chamada de “quatro olhos”. Várias vezes, ela recorreu à professora pedindo ajuda. Em certa ocasião, a professora sugeriu que seus agressores saíssem pelo portão da frente enquanto ela saía pelo portão dos fundos, para que não se encontrassem. No entanto, os alunos contornavam a escola e a seguiam até sua casa, proferindo diversas ofensas.

5. Para preservar a privacidade das participantes, os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

Um dia, cansada de ver o sofrimento da irmã, Dona Rute narrou que, antes de sair de casa, pegou um “rabo de tatu”, uma espécie de chicote com ganchos na ponta, que ela teve o cuidado de remover para não ferir muito os alunos. Quando, na volta para casa, eles apareceram novamente, ela bateu neles com tanta força que os deixou marcados por dias. Ao reclamarem para a professora, ela não tomou nenhuma atitude, pois conhecia as provocações que sua irmã sofria. Como citado por ela: “Assim solucionei o *bullying*”.

O relato ao descrever o sofrimento de sua irmã, vítima constante de *bullying* devido à sua aparência física, especialmente por usar óculos, reafirmam as considerações de Beaudoin e Taylor (2006) que afirmam que o *bullying* é uma agressão sistemática, caracterizada por hostilidade repetida, que causa impactos emocionais graves nas vítimas. A resposta da professora, ao sugerir que a irmã de Dona Rute saísse pela porta dos fundos para evitar os agressores, revela uma falha da escola em lidar de forma efetiva com o problema, já que a falta de ações concretas para combater o *bullying* pode perpetuar a cultura de desrespeito entre os estudantes.

A reação da idosa, ao agredir fisicamente os colegas de sua irmã, pode ser interpretada como uma tentativa de reverter a dinâmica de poder, mas Beaudoin e Taylor (2006) alertam que essa solução não ataca a raiz do problema, que é a cultura de *bullying* nas escolas. A ausência de intervenção por parte da professora reforçou a ideia de que, quando as escolas não adotam políticas eficazes de prevenção e educação sobre o *bullying*, o problema tende a se perpetuar. A verdadeira solução exigiria um compromisso coletivo de educadores e alunos para criar um ambiente escolar baseado no respeito e na inclusão.

Dona Maria, 62 anos, conta que sofria *bullying* por causa de sua aparência, que segundo ela era “muito feia”. A mesma cita que a situação mais constrangedora sofrida se dava quando a própria professora da sala a ridicularizava na frente de todos, dizendo por exemplo, que Paulo e ela deveriam se casar, pois seriam um casal perfeito, porque eram igualmente feios. Maria diz que não guarda rancor dessa época, e acha que tudo acontecia por ser muito arteira e as vezes provocar os outros também, mas continua se achando feia e faz consultas frequentes ao psiquiatra por ter depressão e ansiedade.

O relato de Dona Maria, de 62 anos, exemplifica o impacto duradouro do *bullying* na vida de uma pessoa. Ela descreve episódios de humilhação na escola, os quais podem ter sido o gatilho para gerar sentimentos de inferioridade e contribuir para o desenvolvimento de transtornos como depressão e ansiedade.

Beaudoin e Taylor (2006) discutem que o *bullying* não se limita a uma simples brincadeira ou diferença de opinião entre crianças, mas reflete padrões de desrespeito e exclusão que podem se intensificar no ambiente escolar, afetando profundamente a autoestima dos indivíduos. As autoras argumentam ainda que o papel dos(as) educadores(as) é crucial na construção de um ambiente seguro e respeitoso, onde a convivência saudável entre os alunos seja priorizada e valores como a tolerância, o respeito à diversidade e a promoção de uma cultura de paz sejam amplamente valorizados.

Além disso, Beaudoin e Taylor (2006) enfatizam que o *bullying* não deve ser visto apenas como um comportamento pontual, mas como parte de um fenômeno mais amplo de desrespeito e agressão que pode ter repercussões tanto no desenvolvimento emocional quanto nas habilidades sociais do indivíduo. O estigma social gerado pelo *bullying* pode levar à exclusão social, dificultando o processo de socialização e comprometendo a autoestima da vítima, o que pode ter reflexos negativos em sua vida adulta, como os mencionados por Dona Maria.

Após este compartilhamento, foi exibido como leitura complementar o poema “O que a Memória Ama, Fica Eterno”, de Adélia Prado, publicado em Bagagem (PRADO, 1976), interpretado por Nelson de Freitas em um vídeo (Freitas, 2020). O poema aborda a relação íntima entre memória e afeto, destacando como as lembranças que amamos se tornam eternas em nossas vidas. Segundo Prado (1976), “o que a memória ama, fica eterno”, enfatizando a ideia de que as memórias significativas moldam nossa identidade e permanecem conosco ao longo do tempo. Após a exibição, foi abordada a temática de que, assim como o amor, a dor também deixa marcas profundas e duradouras na vida de todos, afetando o comportamento e a forma como o ser humano lida com o mundo ao seu redor, reforçando que tanto os sentimentos positivos quanto os negativos permanecem, tornando-se parte da identidade das pessoas.

As narrativas apresentadas no primeiro encontro trouxeram à tona a experiência do *bullying* escolar sofridos ou vivenciados pelas idosas que participavam de nosso encontro, fornecendo uma riqueza de reflexões a respeito do tema.

No segundo encontro que ocorreu dia 12 de setembro de 2024, deu-se as boas-vindas às 17 idosas que compunham o grupo, explicando o objetivo das atividades do dia, que era compartilhar e refletir sobre memórias de *bullying* escolar. Foi realizada uma recapitulação do encontro anterior sobre o significado do *bullying* escolar, da exibição e do debate do documentário “Últimas Conversas” (Brasil, 2015), do curta-metragem “Lou” (Estados Unidos, 2017) e da importância da memória para ressignificar os acontecimentos. Adicionada e está retomada, mencionou-se que nem todas as experiências escolares são agradáveis e que, como vimos no documentário do encontro anterior, algumas delas podem causar dor e sofrimento.

Na sequência, as participantes foram convidadas a fechar os olhos e se concentrar em suas memórias da época escolar. Nesse momento, elas foram estimuladas a responder mentalmente algumas perguntas, tais como: “Qual era o nome da sua escola? Como era o caminho até lá? Como eram as salas de aula de sua escola? Você se recorda de seus professores? Como eles eram? Quem eram seus amigos? Como era a hora do recreio?”. Após alguns minutos, solicitou-se que refletissem sobre essas memórias e se eram positivas ou se traziam tristeza.

Em um segundo momento, foi promovida uma rica troca dialógica, na qual as idosas tiveram a oportunidade de relatar experiências que vivenciaram ou testemunharam em relação ao *bullying* escolar durante o período de sua formação. Ressaltou-se a importância de ouvir com respeito e empatia, de modo a compreender plenamente as experiências de cada uma. A seguir, serão narradas algumas dessas memórias.

Um dos primeiros temas que surgiu foi sobre os estereótipos de gênero que a sociedade nos impõe. Rossi (2021) defende que o conceito de gênero é uma construção social e sua relação é intrínseca com às relações de poder, não sendo apenas uma categoria descritiva, mas uma estrutura que organiza hierarquias e distribui poder de forma desigual. E quando o indivíduo não se molda neste estereótipo que a sociedade propõe tende a ser atacado conforme descrito na imagem 1:

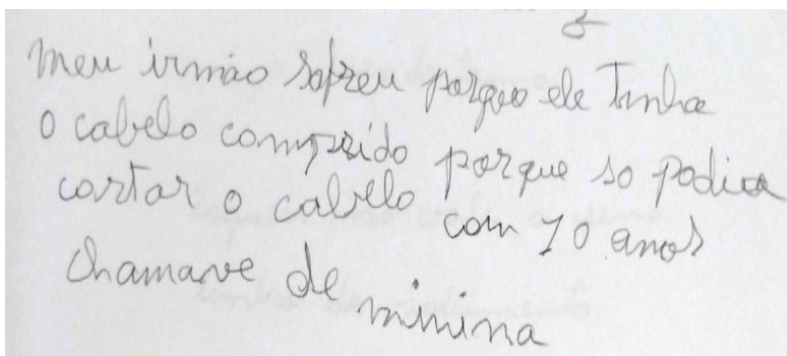


Imagem 1 - Relato sobre *bullying* sofrido por dona Alda

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos registros coletados das idosas

O texto reflete como normas sociais e estereótipos de gênero podem ser causadores de *bullying*, especialmente quando uma criança é ridicularizada ou excluída por características que fogem às expectativas heteronormativas, como o comprimento do cabelo. Nesse pequeno texto é possível interpretar que tais experiências evidenciam como imposições culturais reforçam as desigualdades e preconceitos, contribuindo para práticas do *bullying*, e a importância de repensar essas estruturas dentro da educação, promovendo um ambiente inclusivo que combata o preconceito e respeite a diversidade.

A análise de Rossi (2021) nos ajuda a esclarecer como o *bullying* é mais do que um conflito interpessoal; ele é um reflexo de relações de poder que também aparece nas desigualdades de gênero, buscando controlar e disciplinar o comportamento dos indivíduos, refletindo uma relação de poder em que o *bullying* integra um mecanismo de controle social mais amplo.

Na imagem 2 pode-se observar um outro ataque refletido- o assédio - que ocorre quando uma pessoa é alvo de comentários negativos, zombarias ou exclusão devido à sua aparência física.

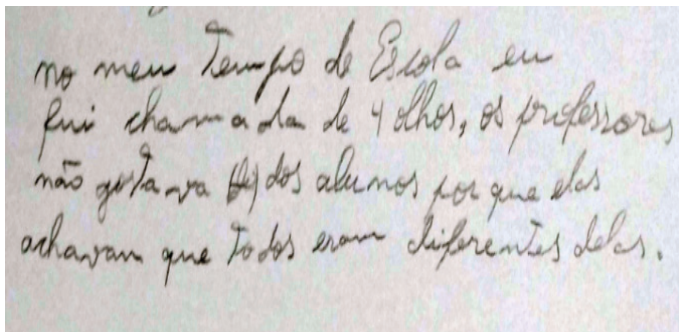


Imagem 2- Relato sobre *bullying* por dona Eulália

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos registros coletados das idosas

O texto da imagem 2 ilustra um cenário de discriminação baseado em características físicas e culturais, evidenciando que o preconceito e a discriminação muitas vezes servem como gatilhos para o *bullying* escolar, transformando a escola, que deveria ser um espaço de aprendizado e acolhimento, em um ambiente de exclusão e sofrimento para muitos estudantes. Como aponta Rossi (2021), essas práticas refletem desigualdades enraizadas na sociedade, onde diferenças físicas, culturais e socioeconômicas são usadas para justificar ofensas e humilhações.

As idosas do CADI compartilharam memórias marcantes de como eram ridicularizadas por sua aparência, condição social ou até mesmo por traços de sua identidade, sem que houvesse proteção ou intervenção dos professores e gestores escolares. O impacto dessas experiências ultrapassou a infância, deixando marcas que as acompanharam ao longo da vida. Para evitar que novas gerações carreguem esse mesmo fardo, é fundamental que as escolas adotem uma postura ativa, criando um ambiente onde a diversidade seja valorizada, o respeito seja cultivado e cada aluno(a) se sinta seguro para ser quem realmente é.

Histórias como essas foram sendo narradas, como da menininha negra e pobre que alvo de insultos por sua cor e tipo de cabelo respondia as agressões verbais com violências físicas até não aguentar mais e abandonar a escola, ilustrando a gravidade da discriminação racial e social no ambiente escolar. Autores como Beaudoin e Taylor (2006) e Fante e Pedra (2008) enfatizam que agressões verbais relacionadas a características físicas e étnicas podem ter um impacto devastador na autoestima e saúde mental das crianças, levando-as a desenvolver respostas agressivas como forma de defesa. A violência física, nesse contexto, surge como uma tentativa de resgatar o controle diante da humilhação constante e da marginalização sofrida, refletindo o sofrimento psicológico das vítimas.

Após as narrativas, houve um debate entre as participantes sobre as histórias compartilhadas. Foi um momento de muita reflexão, sobre como o passado ainda se faz presente.

Nessas narrativas observa-se mais uma vez como os padrões sociais exercem uma influência significativa sobre o *bullying* escolar, refletindo normas que muitas vezes toleram comportamentos agressivos e perpetuam a exclusão das vítimas, resultando em consequências profundas como baixa autoestima, dificuldades de socialização e transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão (Fante; Pedra, 2008).

No decorrer deste último encontro, foi distribuído papel e caneta para que cada participante escrevesse uma mensagem de apoio e encorajamento que fosse direcionado para si mesma, para alguém que conheceu e que tenha vivenciado o *bullying* escolar, ou para o autor do *bullying* escolar que tenha sofrido. As participantes foram incentivadas a ler suas mensagens para o grupo, promovendo um momento de acolhimento e solidariedade, conforme podemos ver na imagem 3:

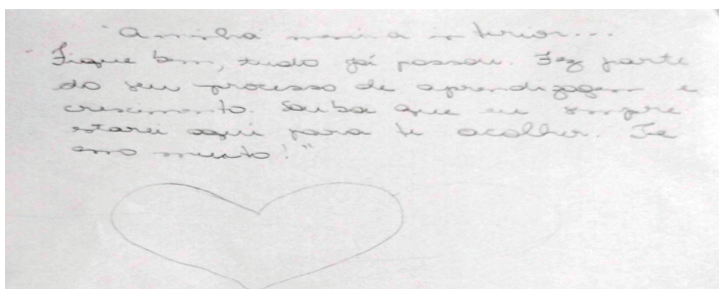


Imagem 3- Mensagem de apoio de dona Ivone

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos registros coletados das idosas

A narrativa aponta para a possibilidade de superação e reavaliação pessoal, sugerindo que o amadurecimento pode transformar a maneira como as pessoas encaram a discriminação e a violência. Essa perspectiva é crucial, pois indica que, apesar dos efeitos negativos do *bullying*, há espaço para resiliência e crescimento, reforçando a importância de intervenções pedagógicas que promovam um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, isso também foi corroborado na imagem 4:

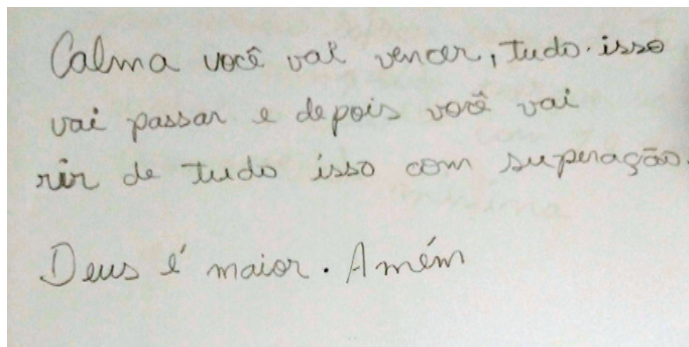


Imagem 4 - Mensagem de apoio de dona Carlita.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos registros coletados das idosas

A mensagem da imagem 4 leva a refletir de como a ideia de que o *bullying* escolar é uma etapa natural do crescimento e amadurecimento tem sido transmitida ao longo do tempo, enraizando-se na sociedade devido a uma compreensão equivocada sobre o que significa uma convivência saudável nas escolas. No passado, o foco educacional estava frequentemente centrado na disciplina rígida e na ideia de que os desafios enfrentados pelos estudantes eram uma forma de fortalecer seu caráter. Nessa perspectiva, muitas situações de *bullying* eram vistas como “brincadeiras” ou “testes de resistência”, que supostamente preparavam os estudantes para os desafios da vida adulta. Essa concepção ignorava as necessidades emocionais e psicológicas dos alunos e enfatizava um ambiente competitivo e hierárquico, onde comportamentos agressivos eram tolerados, ou até mesmo justificados, como parte do processo social e educacional (Fante; Pedra, 2008).

Embora nos últimos anos haja um crescente reconhecimento dos danos do *bullying*, especialmente no que diz respeito à saúde mental das vítimas, essa mentalidade ainda persiste em muitos contextos educacionais e familiares, onde a educação emocional e o desenvolvimento da empatia são pouco abordados. Essa visão é sustentada por uma cultura resistente à mudança, que tende a minimizar os comportamentos agressivos e a perpetuar a ideia de que as vítimas devem simplesmente “aguentar”. Mesmo com os avanços no entendimento sobre o *bullying*, a romantização de um passado educacional mais rígido e “preparador” ainda influencia muitas práticas educacionais, dificultando a implementação de mudanças significativas. Para combater efetivamente o *bullying* escolar, é essencial promover uma conscientização contínua sobre seus impactos e criar ambientes escolares mais acolhedores, onde a diversidade seja respeitada e atitudes agressivas sejam prontamente identificadas e corrigidas (Fante; Pedra, 2008).

Esse tipo de amenização do mal que o *bullying* gera pode ser observada na imagem 5:

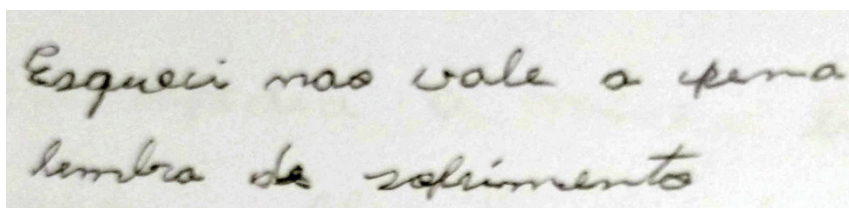


Imagem 5 - Mensagem de apoio de dona Carmem

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos registros coletados das idosas

O texto da imagem, pode ser interpretado como uma tentativa de minimizar os danos sofridos, o que pode ser perigoso caso a gravidade do *bullying* escolar seja ignorada, pois, é crucial que situações de *bullying* escolar sejam reconhecidas e enfrentadas como problemas reais que exigem soluções, e não como etapas naturais do desenvolvimento escolar.

A frase “Esqueci, não vale a pena lembrar de sofrimento”, pode expressar uma atitude consciente de se rejeitar a memória do sofrimento, tentando não pensar no que aconteceu e deste modo não sofrer várias vezes. Segundo Beaudoin e Taylor (2006), o *bullying* escolar e outras formas de desrespeito podem gerar profundas marcas emocionais que, mesmo quando aparentemente esquecidas, continuam a impactar a vítima de maneiras sutis e duradouras. Para as autoras, o *bullying* escolar vai além de interações individuais e reflete uma cultura de desrespeito e exclusão. A escolha de “esquecer” e “não lembrar” do sofrimento pode ser um indicativo de resiliência, mas também pode apontar para uma negação emocional, o que dificulta o processamento saudável das experiências traumáticas.

Dessa forma, a frase capturada na imagem encapsula um dilema emocional enfrentado por muitas vítimas de *bullying* escolar: a tensão entre esquecer e superar. Enquanto o esquecimento pode parecer um caminho para alívio imediato, a superação plena depende de um enfrentamento cuidadoso e do suporte de um ambiente que valorize o respeito e o crescimento emocional.

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO PROPOSTO

O trabalho realizado junto ao CADI ofereceu um espaço de interação social que, ao proporcionar um ambiente de troca de experiências entre idosas, permitiu o acesso às memórias de vivências passadas, incluindo aquelas sobre o *bullying* escolar.

Tais relatos fornecem elementos cruciais para compreender como esse fenômeno se transformou ao longo do tempo, refletindo tanto as mudanças quanto as permanências no que diz respeito às práticas de violência escolar.

De acordo com Freire (2005), nosso mundo não é; ao contrário, o nosso mundo está sendo. Essa frase sugere que a realidade histórica é dinâmica, e não estática, e sua compreensão deve ser sempre contextualizada. Portanto, ao olharmos para o passado, especialmente para as narrativas das idosas sobre o *bullying* escolar, podemos não apenas relatar vivências, mas também utilizar esses relatos como instrumentos de prevenção e reflexão para as gerações atuais.

Essas memórias oferecem a oportunidade de promover discussões conscientes sobre a violência escolar, desafiando a ideia de que o *bullying* é um fenômeno recente. Ao entender a violência como algo enraizado na convivência social, podemos refletir sobre a construção de uma cultura de respeito e empatia nas escolas.

A importância de preservar e cultivar a arte de narrar, conforme defendido por Bosi (2009), é central para a construção do conhecimento histórico. A narrativa oral, transformada em um registro escrito, se torna um meio poderoso de compreender o passado e construir a história coletiva. O narrador, ao compartilhar suas vivências, não apenas transmite informações, mas também contribui para a construção de um entendimento mais amplo sobre o que foi vivido. Nesse contexto, a troca de experiências no CADI não é apenas uma retomada de memórias, mas uma ação que ilumina o presente e orienta futuras ações educativas.

O *bullying* escolar, como fenômeno social, deve ser entendido à luz das mudanças históricas e sociais. Lisboa et al. (2009) afirmam que o *bullying* assume diferentes formas ao longo do tempo, e a falta de uma nomenclatura específica para esse fenômeno em épocas passadas dificultava o reconhecimento da violência escolar. Assim, é possível que muitas pessoas não reconheçam o que hoje chamamos de *bullying*, pois, em momentos históricos passados, comportamentos agressivos entre estudantes eram considerados naturais e muitas vezes ignorados ou minimizados (Neto; Saavedra, 2007).

As narrativas das idosas sobre o *bullying* escolar, embora revelem um passado doloroso, também trazem à tona as marcas deixadas por essas experiências. A dor, a insegurança e a tristeza que elas relataram continuam a ecoar em seus relatos, demonstrando o impacto profundo e duradouro do *bullying*.

Portanto, ao olhar para o passado a partir das narrativas das idosas, podemos não apenas compreender o *bullying* escolar, mas também utilizar essas lições para promover uma educação que valorize a convivência ética e respeitosa, essencial para a formação de cidadãos mais conscientes e solidários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste estudo ressaltam a relevância das memórias das mulheres idosas atendidas pelo CADI na compreensão do *bullying* escolar. Por meio do projeto Cine Educação: olhares para formação docente, este estudo, buscou criar um espaço de reflexão e diálogo sobre o *bullying* escolar, reunindo idosas que vivenciaram essa experiência durante sua escolarização. Através da sessão, seguida de reflexões e debates, o projeto permitiu que essas mulheres compartilhassem suas histórias, revelando como as marcas do *bullying* escolar ainda ressoavam em suas memórias.

Esse ambiente acolhedor e seguro favoreceu a troca de experiências, onde cada narrativa trouxe à tona não apenas lembranças dolorosas, mas também lições valiosas sobre empatia e solidariedade.

As memórias dessas idosas mostraram que o *bullying* não é um fenômeno recente, ele sempre esteve presente nas escolas, manifestando-se de diferentes formas ao longo do tempo. Por meio de suas memórias, ficou claro que as experiências de violência e exclusão vividas no período de escolarização deixaram cicatrizes emocionais que perduraram por toda a vida. Ao escutá-las, foi possível perceber que o *bullying* escolar não é apenas um conflito passageiro, mas uma questão que reflete relações sociais complexas e desiguais.

A análise das memórias dessas mulheres revela que o *bullying* não é um fenômeno isolado, mas sim parte de um contexto social mais amplo, onde dinâmicas de opressão, exclusão e controle se perpetuam ao longo do tempo.

Essa continuidade histórica evidencia a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva sobre o tema, que leve em consideração as experiências do passado para subsidiar práticas pedagógicas mais eficazes e sensíveis no presente. Reconhecer que os impactos do *bullying* se estendem para além da infância e adolescência, afetando a saúde mental e emocional das vítimas ao longo da vida, é essencial para a construção de uma educação mais inclusiva e cuidadosa com as necessidades emocionais dos estudantes.

Além disso, a pesquisa sublinha a importância das memórias como um recurso valioso para a construção de uma compreensão mais profunda do *bullying* escolar. As histórias compartilhadas pelas idosas não apenas elucidam as formas como o *bullying* escolar foi vivenciado em tempos passados, mas também fornecem perspectivas importantes sobre como o fenômeno pode ser prevenido e combatido nas escolas atuais. Ao valorizar essas vozes, abre-se um espaço para uma educação intergeracional e mais empática, que leve em conta as experiências de todos(as) os(as) envolvidos(as), contribuindo para a construção de ambientes escolares opostos à violência.

Em síntese, este estudo reitera a ideia de que o *bullying* escolar é uma questão complexa, multifacetada e que demanda atenção contínua por parte de toda a comunidade escolar. A escuta ativa das memórias das idosas, longe de ser apenas um exercício de retomada do passado, pode servir como base para ações concretas que promovam ambientes educacionais seguros e respeitosos.

Ao compreender a relevância histórica desse fenômeno e integrar as lições do passado, podemos caminhar em direção a um futuro onde o respeito mútuo e a empatia sejam valores centrais nas relações interpessoais, garantindo que todos(as) os(as) estudantes se sintam seguros e valorizados no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Lei 13.185/2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional. Brasília, DF: Senado Federal, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 13 de dez. de 2024

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lutas pela Memória. São Paulo: Edusp, 2008.

COUTINHO, Eduardo (1933-2014). **Últimas Conversas**. [Documentário]. Produção: Vídeo Filmes. Brasil, 2015.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying escolar**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/88316956/Bullying-escolar-Escolar-como-prevenir-a-violencia-nas-escolas-e-educar-para-a-paz>. Acesso em: 21 de jun. de 2024

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar Escola**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed. 2008.

FREIRE, Paulo (1921-1997). **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo (1921-1997). **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Nelson. **O que a Memória Ama, Fica Eterno** [vídeo]. 2020. Disponível em: https://youtu.be/VsIN_fSEv1I?si=iQDfUxufYkUiURXc. Acesso em: 8 de out. de 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019. Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101852>. Acesso em: 04 de fev. 2024

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **A saúde dos adolescentes**. Brasília, DF: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/21457-a-saude-dos-adolescentes.html>. Acesso em: 07 de out. de 2024.

INEP- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. Publicados resultados finais da 1ª etapa do Censo Escolar 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/publicados-resultados-finais-da-1a-etapa-do-censo-escolar-2024>. Acesso em: 31 de jan. de 2025.

DATASENADO- INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Violência nas escolas**: Relatório Executivo.2023 Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/arquivos/relatorio_violenciasnascolas_flavioarns_resumo.pdf. Acesso em: 08 de out. de 2024

KALINOSKI, Erica. **Participantes de centro de idosos da Unespar produzem itens de-inverno para doação**. Tribuna do Interior, Paraná. 2024. Disponível em: <https://www.tribunadointerior.com.br/campo-mourao/participantes-de-centro-de-idosos-da-unespar-produzem-itens-de-inverno-para-doacao-ao-rs/>. Acesso em: 28 de set. de 2024

LIMA, Renato Sérgio de; MARTINS, Cauê. Violência nas escolas. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 354-357, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/08/anuario-2023-texto-16-violencia-nas-escolas.pdf>. Acesso em: 15 de set. de 2024

MULLINS, Dave. **Lou**. [Filme]. Produção: Pixar Animation Studios. Estados Unidos, 2017.

NETO, Aramis Antonio Lacerda.; SAAVEDRA, Loriane Helena. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 de out. de 2024

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

RODRIGUES, Divania Luiza. OLIVEIRA, Wanessa Gorri de. Cinema e Educação: experiência formativa com o projeto de extensão universitária “Cine Educação” *In*: SILVA, Américo Junior Nunes da. VIEIRA, André Ricardo Lucas Vieira. **Atuação do estado e da sociedade civil na educação** – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

ROSÁRIO, Ana Cristina; CANDEIAS, Adelinda; MELO, Madalena. Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3.º ciclo do ensino básico. **Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 57-68, 2017. Disponível em: <http://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/1153>. Acesso em: 04 de nov. de 2024.

ROSSI, Jean Pablo Guimarães. **Gênero e educação em tempos de escola sem partido**: compreensões de educadoras em debate. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

SETI. **Programa UNESPAR 60+ está com matrículas abertas para atividades com pessoas idosas**. 2024. Disponível em: <https://www.seti.pr.gov.br/Noticia/Programa-Unespar-60-esta-com-matriculas-abertas-para-atividades-com-pessoas-idosas>. Acesso em: 31 jan. 2025.

SILVA, Juliana Kely Filgueira. **Bullying escolar**. 2016 Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/41755/3/Bullying_escolar_Artigo_2016.pdf. Acesso em: 30 de out. de 2024.

UNESPAR – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. **Centro de Apoio e Desenvolvimento dos Idosos (CADI)**. 2024. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/noticias/cadi-retorna-as-atividades-presenciais-e-ganha-projeto-em-parceria-com-docentes-e-estudantes-do-colegiado-de-pedagogia-da-unespar>. Acesso em: 2 jan. 2025.

UNESPAR – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. **Cine Educação**. 2024. Disponível em: <https://campomourao.unespar.edu.br/menu-principal/cineeducacao>. Acesso em: 04 de fev. 2025.